

## Pampolha e Castro: Os bastidores das últimas semanas

Por Cláudio Magnavita\*

O governador do Rio, Cláudio Castro, é conhecido pela sua infinita paciência e não se deixa pressionar por terceiros. Ele decide. Decide no seu tempo e com a sua consciência. Não é um político que age e pensa com o fígado. Foi desta forma que enfrentou uma interinidade, um pós-impeachment e concorreu à reeleição, vencendo no primeiro turno.

■ Esta introdução é necessária para compreender o desfecho dos últimos movimentos que resultaram na exoneração do seu companheiro de chapa e vice, Thiago Pampolha, da Secretaria de Meio Ambiente. Os dois conversaram nesta segunda, 04, por 40 minutos. Conversa franca e dura. O clima do encontro foi prejudicado pela intempestividade de alguns

colunistas que anteciparam a demissão sem que houvesse a conversa final e decisiva. ■ Pampolha virou vice-governador após um embate de Castro com o União Brasil. O candidato de Antônio Rueda era Vinicius Farah, então deputado federal, ex-prefeito de Três Rios e ex-secretário de estado. Farah dormiu vice-governador e acordou na bacia das almas. Literalmente, o nome de Thiago foi imposto goela abaixo do diretório regional do partido e foi aceite, apesar das dúvidas de fidelidade partidária.

■ Agora, a mudança de legenda de Thiago Pampolha causou, para Cláudio Castro, o enorme desgaste no União Brasil, já sob nova direção no Rio. O recio do vice era ficar preso com a decisão que está nas mãos do ministro Luís Roberto Barroso, no STF, uma medida que estende para os cargos majoritários a fidelidade partidária do legislativo. Ele foi para o MDB

apenas comunicando ao seu líder e companheiro de chapa, sem uma participação direta no processo.

■ Quem estava no comando do União Brasil? O deputado estadual Rodrigo Bacellar, que preside a Assembleia Legislativa do Rio (Alerj). O clima ficou acirrado. O vice em clima de guerra, ou o presidente da Alerj em clima de guerra com o vice, a partir de diferentes pontos de vista.

■ Ainda em 2023, em uma reunião de secretariado, o governador Cláudio Castro surpreendeu a todos valorizando o seu vice. "Tratem Thiago como se fosse eu", ordenou. Foi o ápice de um entendimento que começou a degradingolar após os problemas enfrentados por Castro, a partir de requentamento de velhas denúncias.

■ Inicialmente candidato ao Senado, Castro teria de se descompatibilizar 10 meses antes do término do mandato. Em uma ainda longínqua eleição de 26, Thiago, como governador, disputaria a reeleição com a máquina na mão. Este era o foco de um dos problemas. O deputado Rodrigo Bacellar também é um candidato natural à sucessão estadual, disputando sentado na cadeira de presidente da Alerj, já que possui direito a uma reeleição.

■ Na hipótese do uso político do judiciário para reduzir a força do bolsonarismo, Cláudio Castro poderia ser afastado pelo STJ e Pampolha assumiria o governo. Isso acirrou o clima de desconfiança e as fofocas. Coincidentemente, problemas do Cláudio ressurgiram quando ele deu uma guinada mais à direita e agora, com a sua volta à neutralidade, amenizaram. Ele não foi, por exemplo, ao evento verde amarelo na Paulista. Imaginem, porém, o que seria do Rio com o governador interino em conflito com o presidente



Cláudio Castro (d) com Thiago Pampolha (e) na Sapucaia

da Alerj? Um verdadeiro caos político estaria instalado.

■ Sucessões à parte, no final de 2023, Thiago Pampolha entra no gabinete do secretário da Polícia Civil, Marcus Amin, para denunciar a existência de um movimento que iria plantar produtos químicos para adulterar a gasolina de postos da família. Denúncias robustas chegaram ao vice. O clima azedou, já que a Polícia Civil estaria sob comando do União Brasil. Pampolha reagiu a um cenário que prejudicaria seus familiares, proprietários de uma imensa rede de combustíveis.

Janeiro e fevereiro, o clima entre Cláudio e Thiago só acirrou com a questão partidária na mesa. No carnaval, houve uma milagrosa reaproximação depois de uma guerra de camarotes. Enquanto Pampolha restabele-

cia o diálogo com Castro, sob os olhares de Baleia Rossi e do ministro das Cidades, Jader Filho, o governador resolve viajar para uma missão em Portugal e o clima de harmonia é restabelecido. O vice assume o Governo do Estado por uma semana.

■ Ainda no carnaval, no camarote privado, em frente ao do governador, Thiago recebe um convidado que, ao pé do ouvido, fala da operação, tendo sua família como alvo. Achou que era notícia velha. Ficou o registro. Depois, como governador em exercício, teria recebido um telefonema do jornalista Octávio Guedes dizendo, segundo o próprio Pampolha, que precisava falar com ele sobre um assunto muito sério. É marcado um encontro e Guedes, já no seu primeiro dia de férias, revela que tinha informações sobre

a retomada da operação que envolvia a família e os postos de gasolina.

■ Corre, porém, a versão que foi Pampolha que chamou Guedes e entregou uma vasta documentação sobre o seu antagonista.

■ Dentro do cenário de que foi o jornalista que procura o governador, ele ficaria furioso e prometeu ir no dia seguinte à Superintendência da Polícia Federal para fazer uma denúncia contra o presidente da Alerj. Imaginem o caos: o chefe de um poder na PF denunciando o chefe de outro poder.

O caso foi contornado, prevaleceu o bom senso e, de Portugal, Castro teve de administrar essa crise. Palavras ditas ao interlocutor que ligou para Lisboa: "Se ele tem uma denúncia a fazer, que faça". Foi neste clima de tensão a interinidade. Pampol-

ha resolve agir como governador e convoca uma reunião com toda a cúpula da Segurança no Guanabara às 8h30 da manhã. Fato que foi parcialmente divulgado. Às 23h, a reunião foi abortada.

■ Essa iminência de crise entre os poderes foi a gota d'água para a inclusão da Secretaria de Meio Ambiente na reformulação do secretariado que ocorre agora em março, devido às eleições de 2024. Pampolha teve a sua conversa de 40 minutos, saiu com a hipótese de voltar ao governo em uma das secretarias que pertence ao MDB, especialmente a de Esportes.

■ Castro pede apenas uma pasta que está na sua conta pessoal, vai nomear Bernardo Rossi que passa a Secretaria de Governo à felpuda e experiente raposa política, André Moura. As mudanças sairão em edição extra do Diário Oficial nesta terça, 05. Nos próximos dias, deixarão o governo os secretários Vinicius Farah, o vereador Alexandre Isquerdo e Hugo Leal. Outras mudanças não estão descartadas, como no Inea e em outros órgãos do segundo escalão.

■ Thiago e Cláudio têm agora a chance de reconstruir o relacionamento e voltar ao clima de amizade que fez a chapa vitoriosa. O que o estado do Rio precisa é de harmonia, menos fofoca e desconfiança.

■ O governador Cláudio Castro está procurando restaurar o clima civilizado para que a eleição de 2024 transcorra com harmonia e a longínqua eleição de 2026 não embole o meio de campo com a sua antecipação. Ele tem o seu tempo de decisão, sabe ouvir e engana-se quem pensa que ele age sem racionalidade. Ele deixou a porta aberta para Pampolha, depende só do MDB.

■ Finalmente, o vice-governador segue com a estrutura de gabinete e, com todo respeito. Ele tem o direito de defender a sua família de qualquer artimanha. Deve fazer isso de forma concreta, sem espaço para fantasias e falsas acusações. O que o estado do Rio precisa é de tranquilidade.

\*Diretor de Redação do Correio da Manhã

## PINGA-FOGO

■ **TURISMO CONTRA DESORDEM** - No mesmo dia em que o Ministério Público divulgou uma ação inédita tendo como foco a desordem urbana e a violência nas praias, praças e ruas de Cabo Frio, o mesmo tema foi tema de debates na OAB local. O Cabo Frio Convention Bureau, que reúne cerca de 160 empresários, participou de um encontro promovido pelo Trade Turístico de Cabo Frio com três vereadores, Davi Souza, Josias da Swell e o coronel Ruy França, na sede da OAB. Em pauta, a desordem urbana observada durante a alta temporada, que ocasionou em uma péssima e negativa imagem para o destino turístico.

■ **EXPLICAÇÕES** - De acordo com os representantes do Poder Legislativo, uma audiência pública acontecerá em breve para cobrar explicações do Executivo. Na reunião, representantes do turismo sugeriram ações que podem ser adotadas imediatamente, já com foco no

feriado da Semana Santa e, em especial, durante toda a Melhor Temporada, que vai de março a novembro. O trade frisou que seguirá com suas ações e campanhas de divulgação do destino e que continuará cobrando do poder público o cumprimento dos deveres que lhe cabem.

■ **AUMENTO** - Os turistas reclamaram do número jamais visto de ambulantes e barraqueiros nas praias sob as vistas dos fiscais de posturas e guardas municipais. Pela primeira vez, eles invadiram até a área do Parque da Costa do Sol, nas praias do Peró e das Conchas.

■ **DISPUTA NOS BIOCOMBUSTÍVEIS** - O presidente da Comissão de Assuntos (CAE) do Senado, Wanderlan Cardoso (PSD-GO), deverá indicar a si mesmo como relator do projeto que aumenta o percentual de biocombustível no diesel. Wanderlan está sendo pressionado pelos produtores agrícolas, que são fortes no seu esta-

do, para que relate o projeto. O governo já aumentou para 14% o percentual mínimo de biocombustível no óleo diesel. O projeto propõe que esse percentual possa aumentar para até 35%.

■ **DELICADEZA** - A auto-indicação pode gerar uma saída justa na CAE. O senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB) queria ser relator do projeto. O texto tem grande interesse econômico para os produtores agrícolas, fortes tanto em Goiás quanto na Paraíba. As principais matérias-primas para o biodiesel são a soja, o milho, o dendê e outras oleaginosas.

■ **COISAS DA POLÍTICA** - No lançamento da pré-candidatura a prefeito do deputado federal Max Lemos (PDT), em Queimados, no último fim de semana, uma figura notável chamou a atenção dos presentes (e dos ausentes que viram as fotos circulando em grupos de whatsapp): o prefeito de Nova Iguaçu, Rogério Lisboa

(PP). O alcaide fez um discurso inflamado no evento, ressaltando seu apoio à candidatura de Max na vizinha Queimados. Com um detalhe: Max Lemos foi o principal adversário de Lisboa na disputa pela prefeitura de Nova Iguaçu, nas eleições de 2020. Naquela oportunidade, Lisboa foi vitorioso logo no 1º turno, com 218.396 votos (62,10%), seguido por Max, que obteve 48.740 votos (13,86%).

■ **FOI NA INTENÇÃO** - A presença de Lisboa no ato político teria uma razão específica, para além da 'camaradagem' e do esquecimento de rusgas políticas do passado. Em Nova Iguaçu, Lisboa busca o apoio do PDT, que tem o diretório municipal sob o comando de aliados de Max. No município, o partido ensaia lançar a candidatura do ex-prefeito Aluísio Gama. Com isso, Lisboa tratou de correr para tentar viabilizar o apoio dos pedetistas ao seu indicado à sucessão, nome ainda a ser oficialmente anunciado.

■ **CRIMES RACIAIS** - Petrópolis e Nova Friburgo podem ganhar este ano uma unidade da Delegacia Especializada em Crimes Raciais e Delitos de Intolerância. A Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) vota, nesta semana, duas indicações legislativas para implantação das unidades. A indicação para Nova Friburgo é dos deputados Marina do Mst e Átila Nunes; já Petrópolis, a indicação é da deputada Dani Balbi.

■ **AGENDA INTENSA** - Foco do desenvolvimento do Estado do Rio, Vinicius Farah, pré-candidato à Prefeitura de Três Rios, está com uma agenda intensa. Recebeu o diretor Jurídico e Institucional da Coca-Cola, Fernando Fragata, para tratar de investimentos da multinacional no Estado do Rio; e alinhou estratégias para o Sul Fluminense com Júlio Barbosa, secretário municipal de desenvolvimento de Pinheiral. Ainda na semana passada, rumou para Brasília jun-

to com o presidente da Alerj, Rodrigo Bacellar, e se encontrou com o novo presidente do União Brasil, Antônio Rueda, além do Ministro do Turismo, Celso Sabino e o deputado federal, Murillo Gouveia. Haja fôlego!

■ **DIREITO À CULTURA** - O presidente da Fundação Cultural Barra Mansa, Marcelo Bravo, está participando da 4ª Conferência Nacional de Cultura, que começou nesta segunda-feira, dia 4, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília. O tema desta edição é "Democracia e Direito à Cultura", e o evento deve reunir mais de três mil participantes de todo o Brasil. Até sexta-feira, dia 08, a conferência vai debater políticas públicas culturais e reconstruir o Plano Nacional de Cultura (PNC) para os próximos 10 anos, revisando o Sistema Nacional. As propostas aprovadas durante o evento vão fundamentar as diretrizes do novo plano para a pasta na próxima década.

## Fernando Molica

### Hora de barrar futuros golpes

Tão grave quanto a tentativa de golpe é a possibilidade de que tal virada de mesa tivesse ficado viável. Punir os golpistas é fundamental, mas é preciso afastar de vez o fantasma de tamanho risco, e isso passa por mudanças na formação dos militares e na redefinição de seu papel na vida brasileira.

A bagunça institucional promovida pelo então presidente Jair Bolsonaro (PL) fez com que, em 2021 e 2022, fosse normalizado algo inadmissível numa democracia: a divulgação de sucessivas notas de comandantes militares e do Ministério da Defesa tratando de questões políticas.

Não cabe a militares da ativa da-

rem palpite sobre questões institucionais, eles não têm o direito sequer de declarar comprometimento com a manutenção do que determina a Constituição: este tipo de posição indica a possibilidade de opção diversa, é como se o respeito às regras fosse apenas uma opção.

É inconcebível imaginar militares de democracias consolidadas divulgando notas oficiais em que tratem de reafirmar seu compromisso com as leis.

Ao longo do mandato de Bolsonaro, a simples emissão de tais documentos indicava que, sim, havia a possibilidade de funcionários públicos fardados se envolverem em um novo golpe. Tratava-se, portanto, de

um paradoxo: ao negarem objetivos golpistas, eles, na prática, diziam que poderiam botar os tanques na rua.

A situação chegou a lembrar a ocorrida nos últimos anos da ditadura: entre o fim dos anos 1979 e até por volta de 1985 era comum que os então ministros militares fossem questionados por jornalistas sobre as possibilidades e os limites da democratização do país.

A imprensa comparecia em peso a solenidades militares apenas para poder perguntar ao general, ao almirante ou ao brigadeiro se o processo de abertura estava garantido, se haveria eleições para governador em 1982, se, caso fosse eleito, o ex-exilado Leonel

Brizola poderia tomar posse no governo do Rio.

Todos os repórteres e editores da época sabiam (sabíamos) os nomes dos ministros do Exército, Marinha e Aeronáutica, era conveniente saber quem ocupava os comandos militares mais importantes. A situação era tão delicada que, dizia-se, o último general-presidente, João Baptista Figueiredo, cultivava uma senha para um autogolpe e o endurecimento do regime.

Sempre que contrariado com os rumos da abertura, ele ameaçaria "Chamar o Pires", uma referência à eventual convocação do ministro do Exército, Walter Pires, para que este acabasse com a farrá de uma ainda

incipiente democracia.

Militares usaram seu poder de ameaça para conduzir a passagem do poder para os civis. Em 1985, escolhido para ser ministro do Exército, o general Leônidas Pires Gonçalves atuou até para definir quem assumiria a Presidência no lugar de Tancredo Neves, hospitalizado horas antes de subir a rampa do Planalto.

Influentes também no processo de elaboração da Constituição de 1988, militares conseguiram que o artigo que define suas funções tivesse uma carga de dubiedade capaz de alimentar delírios golpistas legitimados por juristas que estão sempre dispostos a bulir com granadeiros.

Ao que tudo indica, Bolsonaro

não ficou na ameaça de Figueiredo: chamou Braga Netto, Freire Gomes, Baptista Junior, Garnier, Nogueira de Oliveira, conseguiu adesões, mas não uma unanimidade, algo que seria decisivo para a vitória golpista.

Apurar e condenar as vivandeiras alvorçadas que ameaçaram o país não basta. Os poderes Executivo e Legislativo têm a obrigação de deixarem claros as funções e os limites dos militares. As trapalhadas e os abusos cometidos por chefes militares nos últimos anos criaram a oportunidade perfeita para acabar de vez com esse vespeiro. Como repete Wander Pires, intérprete da campeã Viradouro, a hora é essa.